PASSEIO PÚBLICO

37 MINUTOS COM

VINCENT VAN DUYSEN

"NO ALENTEJO, A NATUREZA É O CENTRO DA ATENÇÃO"

A CELEBRAR 30 ANOS DE CARREIRA, O ARQUITETO E DESIGNER DE INTERIORES MULTIPREMIADO INTERNACIONALMENTE ESTÁ A CRIAR DOIS NOVOS PROJETOS DO JNCQUOI, NA COMPORTA E EM LISBOA

ENTREVISTA **CATARINA NUNES**

FRED DEBROCK

fisga

Nascido há 60 anos em Lokeren, na Bélgica, Vincent Van Duysen tem este ano vários motivos para celebrar. Não só assinala 30 anos de carreira como anunciou no final de junho (já depois desta entrevista ter sido feita) uma colaboração inédita com a Zara Home. Com esta parceria, o arquiteto e designer de interiores revisita algumas das suas criações mais icónicas, entre mobiliário e acessórios para a casa, tornando-as acessíveis a um público mais alargado. Os primeiros seis meses do ano têm-no mantido particularmente ocupado, com os lançamentos da Molteni&C | Dada, da qual é diretor criativo, durante a Semana de Design de Milão, no Salão do Móvel, no início de junho, e outros tantos projetos espalhados pelo mundo. Devido a acordos de confidencialidade, Vincent Van Duysen escusa-se a falar sobre projetos em andamento, referindo apenas os que está a desenvolver para o JNcQuoi, em Lisboa e na Comporta, sem entrar em detalhes. É na costa alentejana, aliás, que o arquiteto e designer de interiores vive, em Melides, na Casa M, por si idealizada.

Como é que a vivência das casas se alterou com a pandemia?
As pessoas estão mais conscientes das características das suas casas, da atenção com os detalhes, uma vez que querem passar mais tempo em casa, com os seus parceiros ou parceiras e amigos. Ao mesmo tempo, as linhas entre o espaço doméstico e o espaço de trabalho tornaram-se mais ténues, uma vez que há uma polinização cruzada das duas funções. As nossas casas ainda são o epicentro das nossas vidas.

Qual é a sua metodologia de abordagem ao projeto de uma casa nova?
Oiço profundamente o que o cliente quer e depois tento entregar um projeto que lhe melhore a vida dele ou do cliente final. Gosto também de conhecer as suas culturas, com origens nos mais diversos países e localizações, e estabelecer um diálogo dentro dos seus contextos. Todos os meus projetos são altamente feitos à medida das especificações dos clientes. Geralmente, gosto de trabalhar com clientes que me desafiam e me fazem ir para fora da minha zona de conforto.

Como surge a decisão de vir viver para Portugal, em Melides?
O meu amor por Portugal desenvolveu-se durante as minhas primeiras viagens ao país, há 15 anos. Sempre lhe admirei a beleza, a natureza e as pessoas. O que me atraiu para o Alentejo foi o isolamento, a quietude, a paisagem, as cegonhas, os arrozais, os pinhais e os sobreiros, onde a natureza é o incontestado centro da atenção. Foi isto que me atraiu a construir uma casa aqui e a retirar-me do estilo de vida mais frenético das metrópoles da Europa central. Comecei a construir a Casa M por volta de 2016-17 e adoro que seja facilmente acessível a partir de Lisboa.

Qual a razão para não ter optado pela Comporta, que estava mais nos holofotes internacionais?
Queria ter a minha própria privacidade e criar um lar numa zona mais isolada e imaculada. Melides tem uma paisagem mais selvagem e acidentada e uma atmosfera de aldeia. Outro elemento foi a proximidade com o oceano.

Onde vivia antes?
Em Antuérpia, na Bélgica, e em Milão no final dos anos 80.

Sente que Melides/Comporta está a perder a sua essência?
Talvez se esteja a tornar no 'lugar da moda' e tenho receio que perca a sua autenticidade e tranquilidade, tornando-se sobrepovoada e demasiado em voga. Temos de a proteger. As pessoas que conheço estão muito sensíveis à preservação desse estilo de vida simples.

Quais são os principais perigos e oportunidades enquanto arquiteto?
As oportunidades são dadas pelos diferentes clientes e encomendas, que me podem desafiar e impulsionar, e fazer mais projetos internacionais, que me melhorem e me façam crescer como arquiteto. As ameaças à arquitetura é desenhar sem respeitar nem entender que a arquitetura é um meio para melhorar a vida da humanidade, de iluminar a sua existência. Sou contra os espaços sem alma e que não respeitam a vida dos seus habitantes.

É a prova de que é possível ter uma casa de arquitetura brutalista, que é quente e aconchegante. Como é que faz isso?
No caso da Casa M respeitei os elementos e a envolvente, refletindo no projeto formas e tons orgânicos. Conseguimos ver a estrutura em betão que se harmoniza em cor com a envolvência das dunas. É uma casa de jardim tipo abrigo que se mistura com a natureza. Quis criar uma conexão emocional com a paisagem e mais além.

E quando tem um projeto numa envolvência que não é deslumbrante?
Quando desenho uma casa ou projeto específicos, procuro melhorar a vida dos meus clientes. Tento que essas melhorias sejam dentro de casa ou nos espaços vividos, deixando-os dialogar com o exterior, de forma a que essa troca seja otimizada. A casa torna-se o destino, entrando-se num mundo próprio e esquecendo o exterior.

Além do JNcQuoi na Comporta, que outros projetos tem em Portugal e lá fora?
Estamos também a trabalhar no hotel em Lisboa, o JNcQuoi House. Temos alguns projetos a acontecer em Itália, Estados Unidos, Singapura, Tailândia, Bélgica e Berlim, mais vários novos produtos que acabámos de lançar no Salão do Móvel, em Milão.

"SOU CONTRA OS ESPAÇOS SEM ALMA E QUE NÃO RESPEITAM A VIDA DOS SEUS HABITANTES"

O que destaca da última edição da Semana de Design de Milão e do Salão do Móvel?
Infelizmente não consegui estar presente, mas as minhas criações este ano foram estimuladas por um forte desejo de não abandonar a fluidez, a sensualidade e o conforto. O conceito de conforto está traduzido visualmente no tato dos materiais.

Que materiais está a utilizar?
Estou a usar mármore, diferentes tipos de madeira, corda, vidro e metal. No geral, defendo sempre os materiais orgânicos, naturais.

Tem em mente o impacto que os produtos que cria terão e quão sustentáveis serão as pessoas que viverão com eles nas suas casas?
Procuro sempre materiais orgânicos que envelheçam extremamente bem, mas ao mesmo tempo quero criar peças intemporais, que possam ser utilizadas durante décadas, em vez de serem substituídas ao fim de poucos anos.

Quem é o Vincent, quando não está a ser o arquiteto e designer multipremiado internacionalmente?
Sou humilde, tranquilo, uma pessoa privada e despretensioso. Gosto de ler, de arte, de estar em casa com o meu pai, parceiro e cães, e gosto de meditar. Sou também como uma 'esponja', às vezes passo no Instagram, vejo um filme ou uma exposição, para me inspirar.

O que é que a meditação lhe traz a nível pessoal e profissional?
Equilibra-me e permite-me lidar com a vida frenética, desfaz os nós do stress.

Qual é a primeira memória que lhe indica que se tornaria num arquiteto?
Os meus pais, e o seu meio social com amigos criativos, direcionaram-me para a criatividade. Escolhi a arquitetura.

Porque não uma área mais artística?
A arquitetura é mais abrangente. Não é apenas a construção física de um espaço, mas também criar espaços onde as pessoas vivam rodeadas por arte, peças de mobiliário e objetos. Todos estes elementos são parte desta arte de viver, que é parte da minha jornada, uma espécie de *gesamtkunstwerk* (combinação de várias artes). Mais: a arquitetura cobre diferentes formas de arte e todo o tipo de disciplinas. A arquitetura vai acima na arte de viver, e esta última é o meu maior propósito, que envolve mais do que criar um espaço. Tem a ver com criar espaços consagrados às pessoas, melhorando a sua existência. ●